

As muitas notas da música brasileira

Nossas canções e o jeito
brasileiro de ser

Luís Pimentel

Sugestões de atividades elaboradas por:

Maria Clara Wasserman – Mestre em História, professora dos Ensinos Fundamental e Médio, atua na área de formação de professores e é especialista e pesquisadora de música e cultura brasileira.

O AUTOR

Luís Pimentel é jornalista e escritor. Trabalhou em diversas redações de jornais e revistas e tem muitos livros publicados, entre contos, poesias, textos de humor, ficção infantojuvenil e paradidáticos. Na editora Moderna escreveu, entre outros, os perfis de Luiz Gonzaga e de Ary Barroso para a coleção Mestres da Música no Brasil.

COLEÇÃO INFORMAÇÃO E DIÁLOGO: PARA LER E DISCUTIR

Uma coleção que trata de temas atuais, que estão em discussão na mídia e que, com certeza, renderão um bom diálogo e uma proveitosa troca de ideias entre os jovens de 11 a 14 anos. Escrita por jornalistas, com uma linguagem leve e contendo informações relevantes sobre o tema, a coleção provoca o leitor a querer saber mais sobre o assunto abordado.

Assim é a coleção *Informação e Diálogo*, com livros em formato de almanaque, que usam e abusam dos hipertextos, proporcionando ao jovem leitor informações rápidas, interligadas e indicações de temas correlatos por meio de dicas e *links* nos diversos meios de comunicação.

O objetivo da coleção é oferecer ao jovem um conjunto de temas que possam ser discutidos e compartilhados entre os colegas de escola, amigos e também com a família, despertando o seu interesse e estimulando-o a prosseguir a pesquisa iniciada por meio da leitura dos volumes da coleção.

Por que trabalhar com *As muitas notas da música brasileira: nossas canções e o jeito brasileiro de ser?*

O livro de Luís Pimentel traz para o estudante um importante painel da música brasileira, desde sua formação até a atualidade, incluindo gêneros mais modernos, como o *rock* e o *funk*.

São muitas notas emitidas desde o fim do século XIX e ao longo do século XX, o que fez da música brasileira uma das mais ricas do mundo, tanto pela diversidade de gêneros quanto por sua complexidade harmônica.

Para o aluno, a leitura desse livro permitirá traçar um panorama pelos gêneros musicais mais representativos e pelos artistas que tiveram importância fundamental na constituição e na disseminação dessas músicas no Brasil e no mundo.

Sem criar juízo de valor sobre determinado estilo, Luís Pimentel nos convida a uma viagem que nos conta sobre

a formação da identidade nacional brasileira a partir de nossa trajetória musical.

Orientações para o trabalho com este suplemento

Neste suplemento você encontrará sugestões de atividades pedagógicas para desenvolver com seus alunos. Não é necessário ter conhecimento musical, mas sim ter acesso a um computador conectado à internet ou um aparelho de som com algumas canções pré-selecionadas durante a preparação da aula.

As atividades sugeridas têm como objetivo fazer o aluno conhecer alguns gêneros principais da música brasileira e saber identificar alguns artistas representativos desses mesmos gêneros.

A sequência das atividades obedece ao seguinte roteiro:

– Atividades para antes da leitura: são atividades que envolvem sensibilização, textos de apoio e de incentivo à leitura do livro.

– Atividade para durante a leitura: funciona como um roteiro para facilitar e aprofundar a leitura com seus alunos.

– Atividades para depois da leitura: exercícios de culminância e de atividades complementares para aprofundar e fixar o conteúdo do livro.

SUGESTÃO DE PROJETO PEDAGÓGICO PARA TURMAS DO 6º AO 9º ANO

Trabalho interdisciplinar: Língua Portuguesa e História.

Temas transversais: Pluralidade Cultural e Ética.

Atividades para antes da leitura

O Brasil tem grande diversidade musical. E os muitos sons entraram no imaginário popular por diferentes meios de circulação: rádio, televisão, discos, rodas de música, bailes etc.

Inicie as atividades criando um painel sobre o gosto musical de sua sala de aula. Primeiro, pergunte sobre os gêneros e artistas preferidos e anote na lousa. Assim poderá ter um diagnóstico inicial sobre preferência e conhecimento musical da classe.

Em seguida, desenvolva as seguintes dinâmicas com a turma (determine o tipo de pontuação que considerar mais adequada):

1. Divida a turma em grupos com cerca de cinco alunos. Peça que prestem atenção na música *Pelo Telefone*, primeiro samba gravado pelo cantor Baiano, em 1917. Oriente-os a anotar as características de som (instrumentação) e voz ([link para a audição: https://www.youtube.com/watch?v=1ojqqtWNPSs](https://www.youtube.com/watch?v=1ojqqtWNPSs). Acesso em: 8 jun. 2015).

A seguir, coloque para ouvirem a mesma música – só que desta vez gravada por Martinho da Vila muitos anos depois – e peça que anotem todas as diferenças em relação a primeira audição ([link: https://www.youtube.com/watch?v=UvBHC8N5o7A](https://www.youtube.com/watch?v=UvBHC8N5o7A). Acesso em: 8 jun. 2015).

Explique, então, que as principais diferenças estão no andamento. A gravação de Martinho da Vila está mais rápida, de acordo com o andamento do samba moderno, e a gravação de Baiano em um andamento mais lento, de acordo com a característica do samba do começo do século XX, mais próximo às procissões religiosas. Outra grande diferença é em relação à percussão, que só foi incorporada ao samba a partir de 1927 e, por fim, as características de voz. Como a gravação era mecânica (só a partir de 1927 surgiu a gravação elétrica), a voz do cantor saía distorcida, bem diferente do que poderia ser a voz original, ou seja, provavelmente a voz de Baiano era muito diferente, ele tinha que gritar em uma espécie de cone para que o som saísse. Já a voz de Martinho lembra o som da modernidade, da fala, com canto mais baixo e colocado.

2. Para a segunda dinâmica, selecione algumas músicas e faça com que os alunos identifiquem o nome da música, o gênero, o cantor e o autor. Coloque um exemplo de cada gênero: samba antigo, choro, samba de raiz, bolero ou samba-canção, bossa nova, MPB, canção caipira, baião, *rock*, *funk*, *hip hop*, entre outros. Quanto maior a diversidade, mais rico o jogo. Lembre-se sempre de pedir que também identifiquem o(s) instrumento(s) musicais mais característico(s) daquele determinado gênero. Não é necessário tocar a canção inteira. Coloque os primeiros

30 segundos de cada e dê mais um minuto para que a equipe converse e faça suas anotações. Ao fim do tempo, peça que revelem suas respostas e vá anotando tudo na lousa. Quando encerrar, anuncie a equipe vencedora e convide-os para conhecerem melhor os sons da música brasileira por meio do livro de Luís Pimentel.

Atividades para durante a leitura

Comece com um reconhecimento visual do livro de Luís Pimentel. Peça aos alunos que anotem os artistas, as canções e os gêneros que conhecem. Volte as suas anotações da atividade anterior para ter uma ideia da cultura musical de sua classe. A seguir, avise-os que vão iniciar a leitura seguindo uma linha do tempo, por autores e gêneros que representaram o Brasil em determinado contexto. Acompanhe a leitura com os alunos lembrando de tirar as dúvidas que apresentarem. Oriente-os a anotar as histórias que acharem mais interessantes.

Ao término dessa primeira leitura, peça para retornarem às suas equipes da atividade anterior. Com o livro em mãos, cada equipe escolherá um capítulo para apresentar de forma criativa: pode ser teatro, apresentação com música, notícias de jornal, programa de rádio, de TV etc. Se não chegarem a um consenso, faça um sorteio de cada capítulo (ver quadro abaixo) e lembre-os que o importante é apresentar o tema.

- A origem e as características dos sons
- O rádio
- O samba e sua história
- As variações do samba
- O choro
- A bossa nova
- O baião
- O *rock*
- A Jovem Guarda
- O Tropicalismo
- A música de protesto
- O *funk*
- Alguns instrumentos
- Alguns artistas representativos

Organize as apresentações e convide outras turmas para assistir. Se achar conveniente, registre tudo em vídeo, mantendo o registro de cada uma das apresentações dos alunos.

Ao término da atividade, estipule a forma de avaliar o aprendizado dos alunos com base na leitura do livro e nas apresentações das equipes.

Atividades para depois da leitura

1. Um roteiro sonoro

A melhor forma de conhecer a história da música brasileira é fazer uma leitura ilustrada com as canções. Com base nessa premissa, desafie os alunos a localizar as canções mencionadas no livro (com letra ou não) e organizar um roteiro sonoro, capítulo a capítulo, de forma que consigam fazer uma “leitura dos sons”. Para essa atividade, pode-se dividir a classe nas mesmas equipes das atividades anteriores ou então pedir que cada aluno localize uma canção citada no livro e, ao final, junte todas as canções. Está criado o roteiro sonoro do livro *As muitas notas da música brasileira!*

2. Criando um fichário musical

O livro de Luís Pimentel traz uma ampla visão dos instrumentos, da história, dos artistas e gêneros da MPB. Oriente os alunos a criarem um fichário musical a partir do que aprenderam, com a seguinte ordem:

Gênero:

Data:

Contexto histórico:

Instrumentos principais:

Artistas representativos:

Referências bibliográficas:

Distribua as fichas entre os alunos e peça para escolherem a partir do gênero. Depois recolha as fichas e guarde-as em lugar apropriado para consultas periódicas.

Sugestão de atividade extra (vídeos)

Após a leitura do livro e das atividades, promova sessões de “cinema” com os seguintes filmes:

1. *Chiquinha Gonzaga: a primeira maestrina brasileira* (Documentário – 48 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xovks5pFOvs> (acesso em: 8 jun. 2015).

O documentário sobre a maestrina Chiquinha Gonzaga traz temas como a transformação da sociedade, a formação da música brasileira e os costumes da virada do século XIX para o XX.

2. *Uma noite em 67* (Documentário – 86 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FOsXaaW4Pkk> (acesso em: 8 jun. 2015).

Antes de exibir o documentário, leia com os alunos o seguinte texto:

Era dos Festivais

Bruna Borges

Durante os primeiros anos da Ditadura Militar no Brasil, observou-se um intenso crescimento da produção musical no país que modificou a música popular brasileira. Com a internacionalização de novos estilos musicais como, o rock and roll, a história da música brasileira ganhou novos contornos a partir da década de 1960.

Instalou-se no Brasil a cultura da música dentro da televisão. Programas como a Jovem Guarda, formados por jovens cantores como Roberto Carlos, Vanderleia, Erasmo Carlos e muitos outros tornaram-se líderes de audiência. Nesta mesma onda, os festivais musicais ganharam notoriedade na cultura dos anos 60 e a televisão foi fundamental para que o Brasil conhecesse melhor sua produção musical.

Os festivais apresentaram uma safra rara e riquíssima de compositores e intérpretes como Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Nara Leão, Geraldo Vandré entre muitos outros. Com eles, em vez da música chegar ao público através do rádio, chegou à casa das pessoas pela televisão, e anos depois pelos discos.

Em outubro de 1966, a TV Record televisionava a final do Festival Musical, no qual as canções finalistas foram “A Banda” de Chico Buarque, e “Disparada” de Geraldo Vandré e Théo de Barros; o júri decidiu por empate! As duas canções saíram vitoriosas, mas naquela noite a verdadeira grande vitoriosa foi a MPB.

Já em outubro de 1967, “Ponteio”, “Domingo no Parque”, “Roda Viva” e “Alegria, Alegria” foram as quatro primeiras colocadas e, para alguns historiadores, foi naquela noite que a **MPB** nasceu como gênero musical único. Vale lembrar que a expressão Música Popular Brasileira já existia e designava todo o tipo de música feita no país, tudo o que não era erudito era designado MPB.

O festival de 1967 foi apresentado de forma intensa e detalhada pelo documentário “Uma Noite em 67”, dirigido por Renato Terra e Ricardo Calique, e está repleto de entrevistas com os personagens mais representativos daquele período – cantores, organizadores, compositores – e imagens reais do festival, fazendo um balanço do que significou aquela noite de 1967 na **cultura musical brasileira**.

A MPB da forma como a conhecemos hoje – um gênero musical bem definido em termos de música e letra – nasceu em um momento de cerceamento de liberdade; foi fruto de seu tempo e tinha um caráter de protesto; teve a incorporação de novos elementos sonoros como a guitarra elétrica, que aparece na música “Alegria, Alegria” de Caetano Veloso, que foi um dos percussores do movimento conhecido como **Tropicalismo**.

Caetano Veloso entrou no palco e apresentou aquelas guitarras elétricas e a plateia vaiou-o imediatamente, só que no decorrer da canção ele convenceu o público e acabou aplaudido. Porém, o mesmo não aconteceu no festival do ano seguinte, em 1968, quando ele apresentou “É proibido proibir” e foi vaiado do começo ao fim. Caetano ficou estarecido com a atitude do público e encerrou sua apresentação com um discurso bastante contundente, resumido na seguinte frase: “Se vocês forem para a política como são para a estética nós estamos feitos”. Veloso respondia à ala mais reacionária do público – composto basicamente por universitários – que não aceitava uma nova estética musical.

O festival de 1968 foi marcado por controvérsias e não é considerado tão inovador quanto os anteriores; sua maior contribuição para a música brasileira foi a consolidação do tropicalismo – que significava uma abertura para novos tipos de linguagem, ideias e componentes não musicais;

buscavam uma desestruturação de música. Mas as ideias do tropicalismo não atendiam ao imediatismo buscado pelos militantes de esquerda contra o endurecimento do Regime Militar. Para esses militantes, Caetano e Gil não tinham uma postura clara contra o Regime Militar; os universitários presentes na plateia do festival eram esteticamente conversadores, não ligavam para os novos arranjos e performances, queriam músicas com letras claras e diretas como as de Vandré e Chico Buarque.

Os **festivais musicais** contribuíram para a consolidação da MPB, foram momentos importantes para a expressão cultural brasileira e também para protestos contra o regime militar. O festival de 1967 é cotado até hoje como o mais importante do ponto de vista musical. As canções nele apresentadas ainda figuram no gosto popular, e a audiência da Record ainda é a maior de todos os tempos, com 97 pontos no IBOPE; a final entrou para o Guinness Book e nunca mais foi superado.

(Fonte: <https://historiandonanet07.wordpress.com/2011/06/11/era-dos-festivais/>. Acesso em: 8 jun. 2015).

O documentário aborda o grande Festival da Música Popular Brasileira de 1967, no qual participaram Nara Leão, Elis Regina, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros grandes nomes que foram responsáveis por consolidar a sigla MPB. Os alunos poderão perceber, por meio das músicas e das imagens, o início da influência do rock na música brasileira, os temas políticos e as tradições.

3. *Especial Multishow – Rock anos 80* (Documentário – 20 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FOsXaaW4Pkk> (acesso: em 8 jun. 2015).

Antes de exibir o vídeo, leia com os alunos o seguinte texto:

O rock nacional nos anos 1980 e 1990

Nos anos 80, o rock brasileiro se firma no mercado. Nomes consagrados da MPB e da música romântica cedem espaço nas paradas de sucesso a artistas influenciados pelas novas tendências internacionais. Punk, new wave e reggae ecoam no Brasil. O grupo Blitz, liderado por

Evandro Mesquita, é o primeiro fenômeno espontâneo. Sua música “Você não soube me amar”, de 1982, é sucesso nacional. Segue-se um surto de novos talentos, como Barão Vermelho, que tem Cazuzza, considerado o maior letrista do rock brasileiro dos anos 80, Kid Abelha & os Abóboras Selvagens, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso e Camisa de Vênus. São eles os novos interlocutores da juventude. Uma fusão de MPB com a música pop internacional ganha espaço no rádio. Eduardo Duzek, Marina Lima, Lulu Santos, Lobão e Ritchie são os representantes dessa tendência. O grupo paulistano RPM, liderado por Paulo Ricardo, chega a vender 2 milhões de discos entre 1986 e 1988. Ainda de São Paulo emergem Ultraje a Rigor (com a música Inútil) e Titãs, cujo disco Cabeça dinossauro transforma-se em marco da musicalidade produzida no período.

Nos anos 90, aparecem grupos cantando em inglês, que abrem perspectivas de sucesso internacional. O grupo mineiro Sepultura consagra-se na Europa e nos Estados Unidos. O grupo paulistano Viper conquista o Japão. A partir de 1993, voltam a fazer sucesso bandas que cantam em português e incorporam ritmos regionais nordestinos, como os Raimundos (de Brasília) e Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S/A (do Recife).

(Adaptado de: http://www.portalmessejana.com.br/noticias.php?exibir=rock&id_noticia=8041. Acesso em: 8 jun. 2015).

Ao final das atividades, faça uma roda de conversa com os alunos sobre o aprendizado.